

## **E se os brasileiros descobrem que os portugueses acham que eles falam Brasileiro?**

No rescaldo da visita do Presidente Lula da Silva, decerto um dos poucos chefes de estado, do presente e do passado, que só fala Português, e também porque o verão convida a viajar, não resisto a incitar os leitores a dirigir o seu olhar para um dos países que mais está na moda: o Brasil. Poderia ciceroneá-los pelos encantos do Leblon carioca, pelas jóias do urbanismo colonial de Paraty ou Tiradentes, ou pelos recantos das praias de Búzios. Poderíamos até falar da arquitectura, das artes plásticas, da dramaturgia, do cinema ou da música brasileira, que não são temas desinteressantes, mas não – esta viagem será mesmo e só linguística.

### **1. As línguas indígenas**

Antes de 1500, o território agora chamado Brasil não estava desabitado. Sabe-se que os portugueses lá encontraram núcleos populacionais pacíficos e afáveis, aos quais deram o nome de tribos índias, na senda do erro histórico de Colombo. Apesar de se tratar de populações ágrafas, ou seja, sem conhecimento de um registo linguístico escrito, os índios do Brasil, pertencentes maioritariamente às famílias tupi e guarani, não eram desprovidos de fala. O enquadramento político e cultural que enformou os processos de colonização do continente americano pelas diversas nações europeias não era, porém, propício ao reconhecimento e à preservação dessas línguas, como não favorecia as populações indígenas, nem quase reconhecia o seu direito à existência, menos ainda à autodeterminação e à posse da terra.

### **2. A prevalência do Português**

Naquele novo mundo era, então, para se falar a língua europeia dos seus ‘descobridores’. Mas no Brasil a questão não ficou logo resolvida, porque a posse da terra foi sistematicamente disputada por diferentes países europeus e as colónias aí instaladas deixaram marcas linguísticas que, em alguns casos, ainda hoje perduram. Não esquecendo que os escravos vindos de África, em número não despreciando e que consigo trouxeram conhecimentos linguísticos de diversas proveniências, não terão deixado de influir na realidade linguística brasileira. Se o Português prevaleceu, foi talvez porque as capitais políticas (primeiro Salvador, depois Ouro Preto, Rio de Janeiro

e mais tarde Brasília) nunca deixaram de falar Português e também porque foi pela voz de um herdeiro ao trono de Portugal que a independência do Brasil se fez ouvir.

Deve, no entanto, deixar-se bem claro que, apesar do Português ser a língua oficial do Brasil e ser a língua mais falada neste país, a sua realidade linguística é bem complexa e diversa, e que, apesar de muito estudada, é ainda muito desconhecida. 500 anos de história documentada e 181 anos de independência política fazem do Brasil um país ainda em busca da sua identidade nacional, logo também disposto a questionar a sua identidade linguística. Qual é então o estado do Português no Brasil?

### **3. O estado do Português no Brasil**

Na generalidade, os brasileiros consideram que falam Português e só reflectem sobre o Português que falam quando deparam com falantes do Português Europeu. Dado que os portugueses mais frequentemente acessíveis são os donos de padarias e outros pequenos comerciantes, geralmente provenientes do norte de Portugal, que por todas as razões, e embora muitas vezes sejam acarinhados, constituem o objecto típico da piada de botequim, o Português destes portugueses torna-se tão risível quanto eles próprios e a sua saudosa '*terrinha*'.

O mesmo, ou quase, se passa com os brasileiros que emigram para Portugal. Ao seu bom humor não escapa a graça de '*deitar o leite fora*' (no Brasil '*jogar o leite fora*') ou '*carregar no botão*' (no Brasil, '*apertar o botão*'), imaginando como conseguir '*botar o leite deitadinho*' ou como '*arrancar e levar consigo o botão*'. Para seu grande espanto, aqui descobrem que a língua que falam, na opinião dos seus '*irmãos portugueses*', não é Português – é Brasileiro.

Para os filólogos e linguistas brasileiros a questão é outra. Ultrapassada a fase em que se pretendia dotar a independência do Brasil de uma língua própria, o que dificilmente se alcança por voluntarismo, chegou-se agora a um ponto em que a consciência das diferenças começa a tomar corpo como identidade linguística e a designação de Português Brasileiro, que progressivamente tem vindo a substituir a anterior de Português do Brasil, é um claro sintoma. Ora, as diferenças linguísticas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro distribuem-se por diferentes domínios, mas não são, globalmente consideradas, tão radicais quanto o que alguns, quer brasileiros, quer portugueses, gostariam de fazer crer.

#### 4. Contrastes entre o Português Europeu e o Português Brasileiro

Existem muitas diferenças entre estas duas variedades do Português: são diferenças de pronúncia, diferenças lexicais, diferenças sintáticas e mesmo diferenças pragmáticas, ou seja, diferenças de adequação dos usos da língua. Procurarei, em seguida, enunciar e descrever as que mais e melhor contribuem para a percepção da individualidade de cada uma delas.

##### 4.1. As vogais

O contraste mais óbvio é de natureza fonética. Os portugueses acham graça à pronúncia brasileira, que lhes soa mais musical e mais doce do que a sua própria. Os brasileiros ficam perplexos perante a diferença e sentem grandes dificuldades de compreensão. A natureza da diferença, relacionada com o sistema vocálico, explica, em grande medida, a assimetria de reacções. Todas as palavras<sup>1</sup> possuem uma vogal tónica (graficamente acentuada ou não, porque a grafia não se confunde com a realização fonética), sendo as restantes vogais átonas. Ora, o que sucede no Português Brasileiro é que o timbre das vogais, quer estejam numa posição tónica quer ocorram em posição átona, não se altera, enquanto que no Português Europeu, o conjunto de oito vogais que podem ocorrer em posição tónica é reduzido a um conjunto de quatro, quando as vogais ocorrem em posição átona. Talvez valha a pena mostrar alguns exemplos. As vogais que ocorrem em posição tónica, tanto no Português Europeu quanto no Português Brasileiro, estão exemplificadas nas palavras do Quadro 1, sendo assinaladas com um sublinhado<sup>2</sup>. A realização fonética das vogais nesta posição é idêntica nas duas variedades do Português.

QUADRO 1

[ ]	<u>f</u> igo
[ ]	s <u>e</u> lo
[õ]	jan <u>e</u> la
[ ]	ca <u>m</u> ma
[ ]	g <u>a</u> ta
[ ]	pu <u>l</u> o
[ ]	bo <u>l</u> o
[ÿ]	esm <u>o</u> la

QUADRO 2

/ /	fi <u>g</u> uinho
/ /	se <u>l</u> inho
/õ/	jan <u>e</u> linha
/ /	ca <u>m</u> minha
/ /	g <u>a</u> tinha
/ /	pu <u>l</u> inho
/ /	bo <u>l</u> inho
/ÿ/	esm <u>o</u> linha

Os contrastes surgem quando as vogais ocupam uma posição átona. O teste é feito com palavras morfológicamente relacionadas com as palavras em que as vogais surgem em posição tónica, o que se verifica, por exemplo, com os diminutivos (ver quadro 2).

QUADRO 3		
P. Europeu		P. Brasileiro
s[ ]/linho	s[ ]/linho	s[ ]/linho
jan[ ]/linha	jan[ ]/linha	jan[õ]/linha
g[ ]/tinha		g[ ]/tinha
b[ ]/linho	b[ ]/linho	b[ ]/linho
esm[u]/linha	esm[ ]/linha	esm[ÿ]/linha

Neste caso, a pronúncia das vogais / /, / / / e / /, tónicas ou átonas, é idêntica, mas a pronúncia das restantes vogais é diferente. No Português Brasileiro, a articulação de / /, /õ/, / /, / / e /ÿ/ não sofre alterações, nem posição tónica nem em posição átona.

No Português Europeu, a articulação destas vogais em posição átona pode ser vista como uma redução das correspondentes tónicas (/ /, /õ/ passam a [ ], / / passa a [ ] e / /, /ÿ/ passam a [ ]), ou mesmo como a supressão dessas vogais (ver quadro 3).

Este assunto, assim explicado, pode parecer fastidioso, mas esta é uma questão crucial. Se os estrangeiros que aprendem Português preferem ou mostram maior facilidade na aprendizagem do Português Brasileiro é, em boa medida, porque a discriminação fonética das palavras no Português Europeu é mais difícil, exigindo maior conhecimento da língua, e é menos harmónica, já que suprimindo as vogais se ouve quase só o ruído das consoantes.

Convém, entretanto, referir que contrastes fonéticos deste tipo também ocorrem entre variedades do Português Europeu e entre variedades do Português Brasileiro.

#### 4.2. As palavras

O outro grande foco de diferenciação entre o Português Europeu e o Português Brasileiro é lexical. Há casos mais conhecidos e outros mais insuspeitados, mas o cômputo geral é elevado. São muitos os conceitos, os objectos e as entidades diferentemente nomeados; muitas as acções e os estados diferentemente referidos; muitas as qualidades diferentemente identificadas (ver quadro 4).

QUADRO 4	
Portugal (Lisboa)	Brasil (Rio de Janeiro)
<i>adesivo</i>	<i>esparadrapo</i>
<i>ama</i>	<i>bábá</i>
<i>atacador</i>	<i>cadarço</i>
<i>autocarro</i>	<i>ônibus</i>
<i>berbequim</i>	<i>furadeira</i>
<i>berma</i>	<i>acostamento</i>
<i>betão</i>	<i>concreto</i>
<i>boca de incêndio</i>	<i>hidrante</i>
<i>cunha</i>	<i>pistolão</i>
<i>ficha</i>	<i>plugue</i>
<i>ficha dupla ou tripla</i>	<i>benjamin</i>
<i>lancil</i>	<i>meio-fio</i>
<i>lixívia</i>	<i>água sanitária</i>
<i>pneu sobresselente</i>	<i>estepe</i>
<i>travão</i>	<i>freio</i>
<i>verniz (das unhas)</i>	<i>esmalte</i>

Frases com valor existencial são sistematicamente construídas de forma diferente em Portugal (ex. *há leite em casa?*) e no Brasil (ex. *tem leite em casa?*). Mas as situações mais perturbadoras são criadas pelos chamados falsos amigos, ou seja, por palavras que

QUADRO 5		
Portugal (Lisboa)	Brasil (Rio de Janeiro)	Portugal (Lisboa)
<i>apelido</i> =	<i>sobrenome ≠ apelido</i>	= <i>alcanha</i>
<i>banheiro</i> =	<i>salva-vidas ≠ banheiro</i>	= <i>casa de banho</i>
<i>bilheteira</i> =	<i>bilheteria ≠ bilheteira</i>	= <i>mulher que vende bilhetes</i>
<i>calibrar</i> (os pneus) =	<i>balancear ≠ calibrar</i>	= <i>encher (os pneus)</i>
<i>camisola</i> =	<i>suéter ≠ camisola</i>	= <i>camisa de dormir</i>
<i>fato</i> =	<i>terno ≠ fato</i>	= <i>facto</i>
<i>talho</i> =	<i>açougue ≠ talho</i>	= <i>golpe, ferida</i>

existem nas duas variedades, mas com significados diferentes (ver quadro 5).

Não posso deixar de aqui referir que

as terminologias técnicas e científicas foram (e talvez ainda sejam) construídas na mútua ignorância, em Portugal e no Brasil. O resultado é óbvio, levando à quase duplicação do léxico especializado do Português e provocando, em muitas circunstâncias, grande dificuldade de entendimento entre técnicos e cientistas dos dois países. Por outro lado, esta é talvez a principal razão pela qual os técnicos e cientistas portugueses têm geralmente uma tão má opinião acerca das traduções técnicas e científicas brasileiras. Como noutros casos de generalização abusiva e infundamentada, não creio que um juízo de valor deste tipo seja defensável (embora haja certamente muitas más traduções no Brasil, como também as há em Portugal). Deixo uma nota para reflexão: no Brasil, o termo *concreto* é usado para referir o que, em Portugal, se chama *betão*. Pode acusar-se os terminólogos brasileiros de reverenciar a tradição anglo-americana com este anglicismo (i.e. *concreto* é proveniente do inglês *concrete*), mas *betão* é um galicismo proveniente do francês *béton*, pelo que a acusação redundante numa espécie de tiro no pé. E este não é um caso único.

Para concluir esta parte, convém, de novo, lembrar que contrastes lexicais deste tipo também ocorrem no Português Europeu e no Português Brasileiro.

#### 4.3. As frases

Das diferenças sintáticas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro ressaltam duas: as construções gerundivas e a colocação dos pronomes clíticos (ver quadro 6). A sua utilização é muito

QUADRO 6	
Portugal (Lisboa)	Brasil (Rio de Janeiro)
<i>Estou quase a chegar.</i>	<i>Estou quase chegando.</i>
<i>Ela pediu-lhe para esperar.</i>	<i>Ele lhe pediu para esperar.</i>

recorrente, mas o contributo para o afastamento das duas variedades, de tão sistemático, torna-se quase nulo. Convém não esquecer, não me canso de o repetir, que construções gerundivas com idêntico valor semântico também se encontram em algumas variedades do Português Europeu e que a colocação dos clíticos, no uso dos falantes de Portugal, também nem sempre corresponde às prescrições desta gramática, pelo que ‘*eu pedi a ele para esperar*’ se encontrará com idêntica facilidade de um lado e de outro do Atlântico, talvez como estratégia para evitar erros na colocação do equivalente pronome átono.

#### 4.4. Usos e costumes

Concluo este sobrevôo pelas diferenças entre o Português de Portugal e do Brasil com a comparação das formas de tratamento. A maior parte dos brasileiros não conhece a distinção entre *tu / te* e *você / lhe*. São sinónimos e ambos concordam com a forma verbal de 3ª pessoa do singular (cf. *vou-te / lhe contar; tu / você sabe mesmo?*), denunciando o seu uso, em alguns casos, o nível de formação do locutor. O contraste entre informal e formal, ou entre próximo e distante, que em Portugal se associa à oposição entre *tu* e *você* é incompreensível para a maior parte dos brasileiros.

O estudo das formas de tratamento é, porém, bem mais complexo do que o que acabei de enunciar. Sabe-se, por exemplo, que no estado do Rio Grande do Sul, a forma *você* é sistematicamente preterida pela forma *tu*. Sabe-se, também, que o tratamento por *tu* em alguns sociolectos do Português Europeu é mal recebido, para não dizer que é totalmente excluído (cf. *Você não acha este livro péssimo?*). E também se sabe, para terminar, que as formas de tratamento sofrem mudanças com o passar do tempo, bastando lembrar o declínio da 2ª pessoa do plural (*vós*). Então talvez aqui também não haja tantas diferenças quanto o que as aparências levam a crer.

### 5. Ai se os brasileiros descobrem ...

Chamar Brasileiro ao Português falado no Brasil, querer catapultar as duas variedades do Português a duas línguas diferentes, dar mais peso às diferenças do que às semelhanças é fazer o contrário do que convém a Portugal, aos portugueses e ao Português. É falta de vista e é mesmo um erro histórico que poderá a prazo condenar o Português Europeu à extinção. Pode ser que o Brasil decida tomar esse rumo, embora não haja ainda razões para o suspeitar, mas nós não temos de ‘ajudar à festa’.

Não esqueçamos que o Brasil tem uma área de cerca de 8 milhões e 500 mil km<sup>2</sup>, ou seja, quase 100 vezes o tamanho de Portugal, e que tem uma população estimada em

170 milhões de habitantes, ou seja, 17 vezes o número de residentes em Portugal. Não esqueçamos que esta força bruta não serve apenas para as estatísticas, serve, acima de tudo, para assegurar um índice de diversidade suficiente para a preservação das espécies, e serve para a formação de uma massa crítica que permita a produção de conhecimento e a sua expressão em Português. Será que os nossos interesses são outros?

A política linguística do Português não deve, pois, e assim concluo, deixar de ser pensada conjuntamente por Portugal e pelo Brasil. Sem retórica e sem subordinação às circunstâncias de celebração desta ou daquela data festiva. Com rigor.

<sup>1</sup> Excepção feita aos chamados **clíticos**, que são formas inerentemente átonas. São formas pronominais (cf. *nos, lhe*), artigos (cf. *o, a*), conjunções (cf. *se*) ou preposições (cf. *de*), geralmente monossilábicas e acentualmente dependentes da palavra que precedem (cf. *o livro, se quer, de nada*) ou que os precede (cf. *diz-nos, conta-lhe*). Os primeiros são chamados **proclíticos** e os segundos **enclíticos**.

<sup>2</sup> Para simplificar a exposição, os exemplos são apresentados na sua forma ortográfica e não em transcrição fonética, excepto quando estão delimitados por [ ] ou por / /. Os parêntesis rectos (i.e. [ ]) identificam realizações fonéticas e as barras oblíquas (i.e. / /) identificam representações abstractas de sons da língua.